

REVISTA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA



SENADO FEDERAL
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS

JANEIRO A MARÇO 1975 — ANO XII — NUMERO 45

A República de Weimar e a República de Bonn

VAMIRER CHACON

Professor visitante da Universidade de Muenster (República Federal da Alemanha), Professor da Universidade de Brasília e da Universidade Federal de Pernambuco. Bacharel e Doutor em Sociologia de Direito. Pós-graduação na República Federal da Alemanha e Estados Unidos. Autor de livros sobre história das idéias no Brasil, premiados pela Academia Brasileira e Pernambucana de Letras.

"Bonn não é Weimar", assim um escritor intitulava, há certo tempo, livro a respeito das diferenças em favor daquela República, ao contrário desta.

Com efeito, a República, proclamada por Scheidemann do balcão do "Reichstag" em 1918, nascia enferma: não só invadida por tropas estrangeiras; também rebelada contra si própria, em facções de Extrema Esquerda e Extrema Direita se digladiando, interminavelmente. Apesar de tudo, a Constituição weimariana era bastante progressista, dentro dos quadros burgueses, conseguindo influenciar as de vários países, inclusive a brasileira, de 1934. Ainda hoje, a predominante força do Presidente, diante de um Primeiro-Ministro enfraquecido, paradoxalmente, em regime "soi-disant" parlamentarista, como na França, inspira-se no modelo weimariano. Hugo Preuss, o

constitucionalista da Alemanha no primeiro Após-Guerra, deixou muitos discípulos do tipo de Monsieur Jourdain, que fazia prosa sem o sentir...

Por estranho sortilégio, esta cidade se associou às duas maiores explosões de cultura na Alemanha. A primeira Weimar foi a de Goethe e Schiller, visitada pelo que havia de melhor na época: desde Beethoven a Hegel, e Heine e Hoelderlin, entre outros. Na segunda, menos então a cidade que a República sob seu signo, floresceu o Expressionismo na Pintura de Nolde, Kokoschka, Grosz; e no Cinema de Stroheim, Murnau, Fritz Lang; ao lado da Prosa de Thomas e Heinrich Mann, Doebelin, Hauptmann, Anna Seghers, Wassermann, Arnold Zweig, Hesse, e da Poesia, ainda expressionista, de Heym, Benn e Holz. Foi quando desabrochou a Filosofia fenomenológica de Husserl, existencial de Heidegger, neo-positivista articulada principalmente em Viena, e marxista (ou marxiana...) de Lukács e Ernst Bloch, para não falarmos na Música, na Física (onde Einstein é o nome máximo), no Teatro de Brecht e Piscator... Era o tempo da "Bauhaus" de Gropius, Mies van der Rohe, Klee e Kandinsky... Como se pode chamar de "decadente" esta fase? A não ser que Hegel tenha de novo razão: a Coruja de Minerva só alça vôo no Crepúsculo dos Povos...

Tantas foram as experiências, inclusive na área política, onde a crise acicatava, um tanto demasiado, as imaginações, que a República de Weimar acabou desmoronando. Ou será que se viu mais derrubada de fora para dentro? Oprimida pelas fantásticas indenizações impostas pelo Tratado de Versalhes, desmoralizada pelos estrangeiros que não acreditavam nos seus líderes (ao recusarem-se a fazer-lhes concessões), Weimar recebeu, na grande crise mundial de 1929, o golpe mortal que culminou na ascensão do Nazismo, um pouco além de três anos depois.

E por que Bonn não é Weimar?

Bonn nasceu em berço de ouro, não em cama de faquir... Em vez de Versalhes, teve o Plano Marshall, donde só precisou retirar algumas centenas de milhões de dólares, para fazer relações públicas, redistribuindo-as a terceiros, a título de indenizações, em especial co-financiando Israel em companhia dos Estados Unidos. Em compensação, o Grande "Reich" alemão de 1938 (atente-se bem à data; anterior à Segunda Guerra Mundial e assim então reconhecido, oficialmente, por todos os países que tinham representantes diplomáticos em Berlim), o "Reich" foi dividido em três ou quatro pedaços, por amor ao equilíbrio europeu. A ponto de hoje ninguém querer a reunificação alemã, inclusive, muitos dos próprios alemães, algo entusiastas dos respectivos sistemas político-econômicos, vigentes nas antigas zonas de ocupação, crismadas sob novos nomes. Isto sem se falar na Áustria, somente se dizendo alemã quando inviável economicamente... Resultado: mesmo numa Europa reintegrada, as Alemanhas terão mais possibilidade de confederarem-se que se reunificarem...

Na capital, Bonn/Bad Godesberg, quase uma Brasília às margens do Reno, ergueram-se, por fim, os monumentais prédios modernos, dignos do governo da República Federal da Alemanha. Berlim ficou oscilando entre símbolo da unidade perdida, cidade quase livre e super-protegida, e capital de fato da República Democrática Alemã: posição "sui generis" na História Mundial...

Mas por que Bonn se tornou capital, em vez doutra cidade?

Se quiséssemos, e pudéssemos resumi-lo, diríamos que a República Federal surgiu em torno da Renânia/Ruhr, objeto tradicional da cobiça anglo-francesa, em especial desta última. Desde a chegada de César ao Reno, onde bateu Ariovisto, até os Tratados da Vestfália que asseguraram à França parte da margem esquerda, e Napoleão, chegando a criar uma Confederação Renana sob proteção de Paris, que o Reno divide mais que aproxima. Nos arredores de Colônia, em Tolbiac (no alemão: Zuelpich), Clóvis, à frente dos francos, batera os germanos, consolidando a estabilidade da presença de uns e outros, à cada margem do grande rio, de modo que nem Carlos Magno conseguiria reconciliá-los.

Foi preciso o fracasso francês, em Waterloo, para a Prússia atingir o Reno em Coblênça, transformada em capital da província da Prússia Renana. Os esforços de prussianização estenderam-se a toda a Alemanha, unificada por Bismarck sem a Áustria. Berlim transmitiu ao país o primeiro grande esforço, nacional, no sentido de racionalização, quase weberiana, da burocracia estatal: sua administração, militarizada, partiu dos quartéis para os correios, o fisco e as ferrovias. Chegou-se a dizer que a Prússia era um Exército que possuía um Estado, e não o contrário. O que correspondia à verdade, embora omitindo que este corpo de oficiais e funcionários estava dominado por luteranos pietistas, muito conscientes das suas responsabilidades perante Deus e os homens, e, portanto, muito cheios de escrúpulos.

Dai, por exemplo, a relativa Liberdade de Consciência, mais ampla na Prússia, desde pelo menos o Iluminismo, quando Frederico o Grande assim resumia o espírito do seu governo: "Pensem e digam o que quiserem, contanto que me obedeçam..." Enquanto o ilustre Hohenzollern recebia Voltaire e os enciclopedistas, em longas noites de Potsdam, Kant definia o Iluminismo enquanto "saber ousar"... Nesta tradição de Liberdade "vigilada", pôde surgir o Partido Social Democrata dos Trabalhadores da Alemanha, fusão dos lassalleanos e marxistas que, sob a chefia de August Bebel, conseguiria atingir grande força, organizando, pela primeira vez, o sindicalismo tedesco. Como seria de prever, os sindicatos alemães e o Partido Social Democrata terminaram também adotando a rígida organização para-militar que caracterizava o resto do Estado prussiano-alemão. A tal ponto, que se costumava dizer que eles não fariam a Revolução, se para isto fosse preciso pisar na grama...

Porém, esta tradição e esta organização reagiram tanto ao Nazismo, quanto ao Comunismo, no auge da crise do sistema capitalista em 1929/32, embora sem conseguir impedir a ascensão de Hitler. Pouco antes, quando da queda do Kaiser, caberia aos sociais democratas, através de Scheidemann e Noske, deter a marcha dos comunistas rumo ao Poder.

E quando o Partido Nazista venceu, parcialmente, as eleições, seu maior triunfo ocorreu nas cidades de origem católica, na Baviera e Renânia. Os velhos redutos do Norte da Alemanha, prussianizados e sociais democratas, infligiram-lhe severas derrotas ou perderam por pequena margem...

Ao ser dividido o "Reich", em 1945, na parte oriental predominavam os sociais democratas e comunistas, das grandes concentrações urbanas de Berlim e da Saxônia,

sobre a esparsa população rural do Mecklenburg. Na parte ocidental, logo passaram a predominar os remanescentes do antigo "Zentrum", o partido católico ecumenizado pelos ocupantes, em especial norte-americanos, que viram na Democracia Cristã a ideal muralha anti-comunista e anti-socialista: o Cristianismo ainda não se tinha radicalizado...

O resultado foi imediato: Konrad Adenauer, antigo prefeito de Colônia pelo "Zentrum", deposto por Hitler no fim da República de Weimar, e despedido, por incompetência, pelos ocupantes ingleses que o tinham reintegrado, afirmou-se enquanto líder da nascente República Federal. Tratava-se também de alguém suspeito de separatismo renano, quando colaborara, um tanto intimamente, com os ocupantes franceses após 1918.

Logo de saída, Adenauer instalou o Parlamento constituinte na cidade de Bohn, a pretexto da vizinhança com Rhoendorf, onde residia, quando, na realidade, o seu partido, a União Democrata Cristã (CDU), surgia como organização política tipicamente renana, apoiada pelo clero das regiões onde os católicos eram maioria, e pelos industriais do Ruhr, ainda o maior centro industrial do país. A Baviera, onde apareceu uma ramificação autóctone do "Zentrum", a União Cristã Social (CSU), proclamou-se "Estado livre" ("Freistaat") e só assim aderiu à Constituição bonniana, fazendo questão de sublinhar sua autonomia confederada. Daí o Federalismo da Alemanha inicial, incorporando, em seguida, sucessivamente, as regiões luteranas da Baixa Saxônia, Schleswig-Holstein, Hessen, as cidades hanseáticas de Bremen e Hamburgo, Berlim com "status" especial e o Baden-Wuerttemberg, enclave protestante no Sul da Alemanha. Além do desdobramento da Renânia em Renânia do Norte/Vestfália (a província, "Land", mais poderosa) e em Renânia-Palatinato e Sarre (devolvido pelos franceses, após plebiscito). Estava formado o eixo Bonn-Munique, que ainda hoje perdura.

O centro geográfico deste novo país — que, outrora, quando unificado, tinha sua capital a Leste, defronte dos eslavos, como uma muralha contra o Oriente — era Frankfurt no Reno, porém a referida cidade não convinha aos democratas cristãos, embora a meio caminho entre a Renânia e a Baviera: tratava-se de grande centro social democrata, no que permanece até hoje. Berlim isolada, a contra-mão num coto-velo, e ainda por cima social democrata (onde só há pouco, o extremismo esquerdista juvenil espantou o eleitorado, em favor da Democracia Cristã), Berlim interessava ainda menos enquanto capital... E só podia sobreviver, segundo a experiência o confirmou, protegida pelas potências ocidentais, em especial os Estados Unidos, que, mais de uma vez, acudiram em seu socorro.

A CDU-CSU, coligadas em torno de Adenauer, empalmaram o poder, em Bonn, cavalgando a guerra fria, opondo-se ao seu outro extremo, sediado em Pankow (Berlim Oriental), sob o oposto comando de velhos bolcheviques, veteranos da luta civil na Espanha ou desertores das Forças Armadas nazistas na invasão da União Soviética.

A primeira providência de Bonn foi reconciliar-se a Oeste: principalmente com os Estados Unidos e a França. O Plano Marshall e a chamada Montan-Union (reunindo a hulha do Ruhr e o minério de ferro da Lorena, que nunca tinham sido controladas pela França ou Alemanha isoladas), marcaram os passos iniciais desta integração, consumada, após, pelo Pacto e Organização do Atlântico Norte e pela Comunidade Econômica,

Européia, de início "Bloco dos Seis", em seguida incorporando outras nações. Enquanto isto, a República Democrática Alemã fazia outro tanto, em direção oposta, integrando-se com a Europa Oriental e a União Soviética, por intermédio do Pacto de Varsóvia e do COMECON. Estava sacramentada a divisão da Alemanha.

No coração geográfico da Europa, a quase igual distância de Lisboa e Moscou, Estocolmo e Roma, Berlim acabou presenciando o encontro final das potências, vindas dos Urais e do Atlântico, em guerras sucessivas. A Alemanha, imprensada em dois conflitos mundiais, terminou esfacelada. Pouco, ou nada, adiantaram os esforços de pequenos grupos, entre os quais aquele de Gustav Heinemann (depois Presidente da República Federal da Alemanha), procurando aceitar a oferta soviética de neutralização militar e unificação político-administrativa das duas Alemanhas, à maneira então da Áustria. Por mais que certos setores, ponderáveis, da Social Democracia, insistissem na idéia, sobretudo os católicos conservadores e os industriais do Ruhr temiam a predominância eventual dos socialistas coligados aos comunistas, em eleições livres. Até que, finalmente Willy Brandt chegou ao poder, porque tardava alguém social democrata e do Norte da Alemanha.

O ex-Prefeito de Berlim Ocidental, filho pobre ilegítimo, nascido na antiga cidade hanseática de Luebeck bem ao Norte luterano, adepto da Extrema Esquerda na juventude proletária durante a República de Weimar, exilado anti-nazista na Escandinávia, Combatente republicano na Guerra Civil espanhola, Willy Brandt era o homem ideal para o diálogo com os países socialistas do Leste europeu. Os soviéticos o conheciam, dos tempos berlinenses, e nele confiavam. Os norte-americanos, franceses e ingleses tinham-no visto salvar os direitos das pessoas jurídicas multinacionais e das pessoas humanas, tão idolatrados pelas democracias representativas... Além do mais, já se anunciava a recessão, que assolou o bloco capitalista a partir do aumento do preço do petróleo, mas que vinha se formando desde que a referida economia passara a funcionar em plena capacidade, necessitando novas inversões, difíceis de obtenção, em termos de poupança, num esquema de sociedade de consumo em massa.

A indústria, a esta altura, não só do Ruhr, passara a lembrar-se dos mercados e das fontes de matérias-primas, que a Alemanha costumava buscar tradicionalmente na **Europa Oriental**.

A "Ostpolitik" coincidia ainda com a busca de novas tecnologias ocidentais, por parte da União Soviética, no quadro da sua política de distensão, e o resultado foi seu êxito, de início espetacular: a reconciliação espalhou-se pelo Leste, os emigrados revanchistas não puderam sustar o reconhecimento dos territórios alemães além da chamada Linha Oder-Neisse e foi arquivada a Doutrina Hallstein, que distribuía represálias de Bonn a quem reconhecesse a República Democrática Alemã.

Estava aberto o caminho para normalização das relações com o Bloco Socialista, nas pegadas de Moscou, reconhecida, diplomaticamente, desde Adenauer, em troca dos últimos prisioneiros alemães da Segunda Guerra Mundial. Também o "status" de Berlim Ocidente, embora continuando precário, passava pelo menos a ser mais respeitado. Mas, a divisão do "Reich", iniciada com a neutralização da Áustria, tornava-se definitiva. Os novos prédios ministeriais da Grande Bonn, criada para incorporar as vizinhas áreas urbanas, passaram a anunciar a irreversibilidade da nova capital da República Federal, consagrada por tratados sucessivos.

A "Ostpolitik" da Social Democracia, sobrevivendo a Willy Brandt, completava a "Westpolitik" da Democracia Cristã. Porém os problemas continuaram: o gigante econômico prossegue um anão político, cuja ananismo é muito assustado diante de qualquer radicalismo. E este se apresenta sempre disposto a levantar a cabeça, em antagonísticos polos dialéticos, do chamado grupo Baader-Meinhof, jovens marxistas egressos do protesto social luterano, à direita da Democracia Cristã, tornada respeitável até pelas esquerdas, através da recepção do seu principal chefe no momento, Franz-Josef Strauss da CSU bávara, pelo Presidente Mao Tse-Tung. O que levou os estudantes, da Extrema Esquerda, a grandes derrotas nas eleições dos diretórios universitários...

Qual será o destino das Alemanhas, chamemo-las assim?

Desde que a unificação política, centralizada, só ocorreu sob a Prússia de Bismarck em 1871, continuaram perdurando as profundas diferenças regionais até hoje, embora atenuadas pelo êxodo miscigenante de largas populações evadidas do Leste. O Sacro Império Romano Germânico, confusa herança de Carlos Magno, agregava populações heterogêneas, submissas a senhores feudais, que elegiam seu Imperador.

Apesar de todas as migrações internas, persistiram os particularismos mais que folclóricos ou dialetais: são tradições que só a intensificação dos meios de comunicação, vem conseguindo atenuar. Uma delas consiste no hábito de aguardar e obedecer ordens. Tudo tende a ser feito de cima para baixo, desde que fracassaram os esforços revolucionários de 1848, no sentido de unificar a Alemanha em direção oposta. Dai, que qualquer ação, derrapando de popular em populista, tende a receber um excesso de reação. O Protestantismo, predominante na Alemanha, foi o luterano, cripto-católico na sua organização eclesial hierárquica e sacramental... Não eram os calvinistas — democratizantes na Suíça, Holanda e Escócia — que comandavam a Reforma alemã... E, para liquidar os perigosas camponeses, igualitários e anabatistas, logo se uniram os protestantes e os romanos...

A Prússia, ainda hoje, continua vitoriosa, na administração mais da República Democrática Alemã, situada em seus antigos territórios, que na Federal, tão americanizada em inúmeros dos seus costumes, apesar das resistências culturalistas, em vez de meramente nacionalistas, em alguns círculos. E, apesar de socialista (ou talvez causa disto?...), a República Democrática tornou ainda mais rígida a disciplina do antigo partido de Bebel, ao mesmo tempo que passava a venerar os próprios generais prussianos da rebelião nacional contra Napoleão: Bluecher, Scharnhorst, Gneisenau... Além dos grandes nomes do Iluminismo e do Classicismo: Kant e Goethe, entre outros...

Tudo ao lado de um Marxismo de estrita observância, avesso às revisões, aliás tão abundantes na Alemanha, desde Kautsky e Bernstein...

Enquanto isto, o Revisionismo era levado às últimas conseqüências pela Social Democracia ocidental, no hoje célebre Programa de Bad Godesberg, onde aderiu a uma espécie de "Capitalismo Popular", crentes nas benesses da iniciativa privada e do que passou a chamar de "economia social de mercado"... Já a Democracia Cristã, sem o apoio do Partido Liberal, continua à procura do apoio dos que temem as conseqüências da crise econômica, e geracional, que prossegue se alastrando pelo Mundo.

Sem dúvida, Bonn não é Weimar. Nem Pankow tem muito a ver com a República socialista sonhada por Kurt Eisner, Karl Liebknecht, Rosa Luxemburg...